

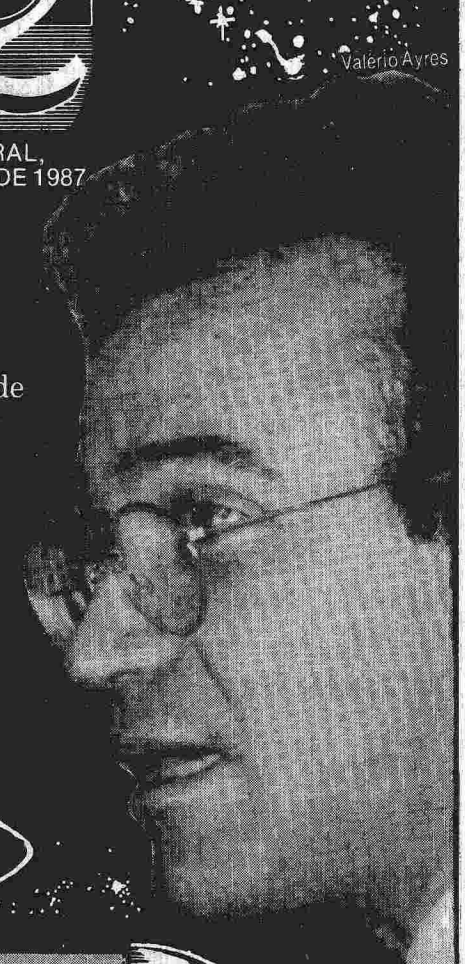
Brasília, pessoa física

Em Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo, a cidade é finalmente vista como um lugar onde vivem pessoas

CADERNÃO 2
JBr 2

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL,
DOMINGO, 22 DE NOVEMBRO DE 1987

● Almino: "Gosto de trabalhar com as utopias possíveis, com a irre realidade possível".



Valério Ayres

Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo, de João Almino, é o primeiro «romance brasileiro» que trata Brasília como um lugar onde vivem pessoas como tantas outras em todo o Brasil, e não apenas como uma cidade que não passa

de sede do poder, de um centro administrativo sem vida, expectativas, ilusões, amores e desamores. João Almino desarma essa trama contra Brasília e a coloca no meio de um cenário instigante. O livro parte de uma fotografia onde estão todos os seus personagens e desenvolve-se «num mundo a beira da destruição». A maneira de Machado de Assis, em Memórias Póstumas de Brás Cubas, o narrador é um homem morto, um escritor que volta à terra para concluir um roteiro de cinema e recompor a vida das pessoas que aparecem na fotomatriz. Ele é todo passado em Brasília, onde misturam-se ansiedades, alucinações, misticismo e discos voadores que podem chegar a qualquer hora. O livro passa ao largo do poder para captar o outro lado da cidade que ninguém ousou viver em termos de romance. João Almino, nordestino de Mossoró, Rio Grande do Norte, é diplomata, professor de Ciências Políticas da UnB (formou-se com o filósofo e professor Claude Léfort, em Paris) e ensaísta. Sobre seu livro, tenta uma definição: «Trabalho com o irrealismo não-fantástico». *Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo* é um lançamento da Brasiliense.

Trecho

“Por isso aos ratos meus rabiscos. Deles é o futuro do mundo, já daqui a cinquenta milhões de anos, segundo a teoria da evolução das espécies. Tanto mais que sou brasileiro. Não tenha você dúvida de que a Brasília pertence o futuro da humanidade, futuro desta história, pois em nenhuma outra parte haverá ratos maiores, mais belos, mais desenvolvidos que os daqui. Os ratos e as plantas secas do Planalto sobreviverão. E com eles Brasília”.

Cláudio Lysias

JBr — Como nasceu o livro?

João Almino — Posso dizer que desde os 12 anos tinha a intenção de escrever um romance. Escrevi vários textos, mas nunca os considerei suficientemente maduros para apresentá-los. Este romance, especificamente, cheguei a aproveitar para ele algo que escrevi em 1970, de passagem por Brasília. E quando retomei o projeto, achei que não ia aproveitar nada. Já passava de 1980. Mas aí me dei conta que era possível retomar alguma coisa, sobretudo dois personagens, que eram um pouco antigos na minha cabeça. Bom, e a ideia desse projeto era fazer alguma coisa que tomasse Brasília como ponto de referência. Morei em Brasília durante três anos, de 74 a 77, estive morando em Brasília, embora não deva ficar muito pela própria natureza do meu trabalho como diplomata. E esse livro foi nascendo durante minhas viagens, pois se é importante você estar no local onde se passa o livro para você viver a cidade, e bom também você estar longe para ver as coisas com outros olhos.

— Como você vê Brasília agora?

— Olha, Brasília, quando nós começamos a pensar na cidade, e acima de tudo um grande vazio. Acho que essa é a dificuldade também de, em um primeiro momento, você escrever um romance da cidade, você quer se lançar em um trabalho artístico que gire em torno da cidade, que a tenha como centro de referência. Brasília é uma cidade sem história, até certo ponto, sem tradição, é uma cidade nova. E ela é um vazio também em seus espaços. É uma das poucas cidades em que o problema maior não é o dos grandes centros, que é o da falta de espaços, de congestionamentos. Em Brasília o problema é o contrário, é o do excesso de espaços, de horizontes largos demais. Acho que esses horizontes existem em Brasília também para nossos projetos pessoais. Eu diria que em Brasília o Brasil está

em aberto. Não há propriamente passado e não há futuro muito claro. Esse é um ponto importante de reflexão para a cidade. O tema do Plano Piloto, do novo, da falta de tradição, do futuro em aberto, de partir do zero para criar alguma coisa, é também um tema de reflexão, um começo, para a própria literatura na cidade. É curioso também notarmos que apesar de Brasília, por um lado, não ter tradição e ter um futuro em aberto, sobretudo essa Brasília mais planejada, a Brasília concebida também pelo poder, essa mesma Brasília conseguiu absorver uma grande massa do Brasil real, que de alguma forma se colou a ela, sobretudo nos arredores, trazendo consigo gente de toda parte. Brasília é uma cidade de mineiros, de goianos, de nordestinos, etc. E Brasília é também uma cidade em que floresceram várias seitas místicas, que por sua vez reúnem tradições de outras partes do Brasil e mesmo de fora do Brasil. Assim, Brasília, que não tem tradição, acaba reunindo várias tradições brasileiras. E essa outra parte da cidade, digamos assim, se desenvolveu à revelia do projeto inicial. Aquilo que se propunha a ser racional teve que conviver com o irracional.

— Para escrever seu livro, a cidade lhe ofereceu mais facilidades ou dificuldades? Seu livro lembra uma colagem cinematográfica, fotográfica, tanto que ele parte de uma foto. O que inspirou mais na cidade?

— Acho que Brasília é muito cinematográfica e até certo ponto a cidade é muito palco. Me parece que os próprios espaços da cidade são apropriados a essa visão teatralizada, digamos, da vida. Num trabalho como esse em que a imagem, a fotografia, o lado teatralizado, teatral dos personagens, são um pouco trazidos a primeiro plano, acho que Brasília contribui até para que esses aspectos sejam mais realçados, possam ser melhor realçados no romance. Acho que a cidade me instigou bastante em meu projeto, acho que ela me ajudou muito.

— Seu romance fala do final do mundo, como uma alucinação, mas, ficção a parte, ele reflete essa preocupação de final de século com o final do mundo, com o apocalipse. Como você vê isso?

— Se eu tivesse que optar entre três propostas de romance, e aqui estou falando do romance e não do lado não-ficcional, se eu tentasse caracterizar meu livro para colocá-lo em uma dessas três propostas, acho que eu teria dificuldades em fazê-lo. As três propostas a que me refiro seria a de fazer uma narrativa romântica, que não teria compromissos com uma realidade, propriamente dita, uma narrativa realista exclusivamente, que tivesse inclusive de retratar o já vivenciado, de alguma maneira, pelo País, e uma proposta que é cara a muitos escritores latino-americanos, que é a do realismo fantástico, onde se busca a realidade, mas aquela realidade que mostra o lado inusitado dela mesmo. Se eu tivesse de me classificar numa dessas correntes, eu teria dificuldade. Na realidade, estou lidando com uma tentativa de trabalhar com as utopias possíveis, com aquela irre realidade, às vezes, que está no campo da perfeita possibilidade. Agora, quanto ao lado não ficcional, todos esses problemas que atormentam o mundo de hoje me sugeriram esse título. O título está sugerido por uma espécie de fim de época, por uma revolução dos costumes, afinal de contas se trata também de um romance de geração. Ele tem como marco todas as revoluções que vivenciamos, sobretudo nos anos 60, o mundo de conflitos, de guerras, de expectativas às vezes negras, algo desse chamado “tempo nublado” a que se refere Octavio Paz. Tudo isso me sugeriu esse título. E, além disso, esse título me é sugerido por um dos personagens, que é essa personagem milenarista, a Iris, que, como o nome indica, traz uma alusão à ideia do visionário. O milenarismo se preocupava fundamentalmente com essa questão, o fim do mundo, e esse meu personagem está inclusive muito centrado nessa ideia do fim do mundo, embora o fim do mundo, na realidade, apareça no livro mais como uma alucinação do que como qualquer outra coisa, na visão dela ou, pelo menos, na visão crítica que o narrador tem sobre ela. Eu diria também que o título é sugerido por esse personagem. Mas se trata de um título com uma ponta de ironia, é claro. Porque não seria possível, na realidade, escrever qualquer ideia para onde passar o fim do mundo. Há uma ponta de ironia para mostrar, a meu ver, que o fim do mundo pode ser atravessado. Até um dos personagens diz que ele tem muitas coincidências com a ideia da gênese. Agora, a gênese pode ser também individual, ou seja, se trata de pensar aquelas situações críticas, aquelas situações em que nós sentimos uma grande desagregação e sentimos uma pulsão de renascimento nessas situações em que uma profunda desordem requer de nós uma nova ordem. São situações sempre ilusórias, porque ninguém pode vivenciar uma ruptura completa, uma ruptura em que o preto passe a ser branco e que não haja nenhum ponto de contato entre futuro e passado. Então, na realidade, acho que essa ilusão apaga um pouco a ideia de continuidade que existe sempre, mesmo quando nós pressentimos as grandes mudanças e os grandes fins, ou dizendo de outra maneira, os grandes fins e os grandes começos.

Trecho

“Assim conta a estória, você me acredite: a novidade completa surgiu quando o acaso se liberou nas cidades, veloz, ameaçando acabar o mundo. Mas no Brasil ainda havia esperança: baixo um céu rosado, um anjinho de flor no peito ia finalmente chegar ao poder. Num fim de tarde, os intensos assobios das cigarras enchiam os espaços de Brasília. Lembravam a infância e advertiam que as brincadeiras de rua tinham acabado. Esse era o começo, é o começo já era quase noite. Não se vê na foto. Não se vê, na foto, que o mundo atravessava sua maior crise. Não se vê que em Brasília era como se nada estivesse acontecendo e tudo estivesse para acontecer. Enxergue, então”.

